

Considerações sobre o envelhecimento do trabalhador

Palavras-chaves: envelhecimento do trabalhador, terceira idade, aposentadoria

Juliana Andrade Oliveira – Serviço de Ergonomia da Fundacentro

Este texto tem por objetivo relacionar velhice e trabalho, recuperando alguns aspectos da pesquisa de mestrado realizada pela autora (Oliveira, 2007) com idosos de Santos-SP, cidade que possui grande proporção de idosos em sua população (são 15,7 %, sendo que na população brasileira a população idosa é de 8,5% do total¹). Analisando a bibliografia sobre os aspectos sociais da velhice e por meio de uma pesquisa de campo, pudemos concluir que o trabalho é uma esfera da vida central para definir o bem estar do idoso, ainda que ele esteja aposentado.

A velhice é uma etapa da vida que vem sendo construída social e historicamente. É claro que o ponto de partida dessa idéia é o fato inegável do envelhecimento físico, mas as maneiras da sociedade lidar com esse fato biológico produzem, por sua vez, fatos sociais. A socialização da velhice é um processo contínuo que vem desde a segunda metade do século XIX (Lenoir, 1979). Nesse século em que foram criadas grandes invenções tecnológicas que transformaram a noção de tempo e espaço (como a energia elétrica, a locomotiva a vapor), passou-se a acreditar na ciência como solução dos “recém identificados” problemas sociais. Um exemplo é o tratamento dado aos doentes mentais: é no século XIX que proliferam os manicômios como um lugar de afastamento e tratamento, ou seja, a loucura deixa de ser vista como um infortúnio e passa a ser considerada uma questão social. Assim também acontece com a velhice, que vai gradualmente migrando da esfera privada (família) para a esfera pública, passando também a ser tratada como uma questão social. Na segunda metade do século XIX consolida-se a visão - que permanece ainda hoje no senso comum - de que a velhice é uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e perda de papéis sociais (Lenoir, 1979). E desde então, por não poderem mais vender a sua força de trabalho, os velhos foram considerados inaproveitáveis para a sociedade capitalista, como um fardo a ser sustentado por ela, como bem demonstraram Bosi (1987), Beauvoir (1976), Pacheco (2004), Goldman (2004), Simões (2003), entre outros. Contudo, esta mesma condição de incapacidade que os marginalizou, conferiu a eles, o status de um grupo social que deveria ser recompensado e amparado, como assinalou Lenoir (1979) e Debert (1999):

“O avanço da idade como processo contínuo de perdas e dependência, dando aos idosos uma identidade de condições, sendo responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice, é também um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como a universalização da aposentadoria” (Debert, 1999, p.14).

O direito à aposentadoria trouxe a legitimação oficial do viver sem trabalhar e passa a ser mais um marcador da condição de velho. Por outro lado, trouxe também melhora nas condições econômicas da população idosa, que antes era um dos estratos mais pobres da sociedade. Essas mudanças se refletiram no modo de tratamento dessa população: de “velhos” passaram a “idosos”, uma denominação que, segundo Peixoto (2000), foi empregada para abrandar a carga negativa do termo “velho”, que se referia a pessoas improdutivas e de classes baixas. Ainda assim, a aposentadoria não retira a feição negativa da experiência da velhice, pois “simboliza a perda de um papel social fundamental – o de indivíduo produtivo – passando a ser sintoma social de envelhecimento” (Peixoto, 2000:81).

O sociólogo Jaime Pacheco (2004) parece concordar com essa afirmação, pois para ele o trabalho marca o ciclo de vida nas sociedades ocidentais, que é formado em grande parte pela presença de instituições sociais. Quando velho, o indivíduo não é mais considerado útil para o trabalho, e a velhice passa a ser fonte de sofrimento. A lógica desse processo viria desde a escola, com a imposição de hábitos de disciplina e serviço, como uma “reprodução antecipada da empresa”, um treino para o mercado. Os modos de organização do trabalho (taylorista, fordista, pós-fordista e neotaylorista), seriam persuasivos para o trabalhador idoso a dar o seu lugar para

¹ Censo Demográfico de 2000, do IBGE.

outro mais jovem, supostamente mais capacitado, isto é, que é capaz de seguir com mais eficiência as regras e padrões impostos, já que nesses tipos de organização do trabalho há a desapropriação do ato criativo do trabalhador. Este pensamento de que o indivíduo velho deve se retirar permeia o senso comum e também clássicos estudos sobre o trabalhador idoso e a sociedade industrial, como Cumming e Henry (1961) e Cowgill e Holmes, (1972). Nesse sentido, “a aposentadoria, como parte do processo de desengajamento, apresenta aos trabalhadores o tempo livre como recompensa. Mas, também, expõe a contradição do mundo ocidental na valorização do ser humano” (Pacheco, 2004, p.219).

A terceira idade é a mais recente representação social da velhice. Surge como um discurso das políticas públicas e do mercado para classificar uma crescente faixa da população francesa de classe média que começava a se aposentar, já a partir dos 45 anos de idade. Com a criação dos fundos de pensão, o mercado começou a dar maior atenção para esses jovens aposentados e foi preciso outra denominação para designar essas pessoas que já estavam no fim da fase marcada pelo período de trabalhar, mas com plena autonomia financeira e física; diferente dos primeiros aposentados que paravam de trabalhar já no limite de suas forças. A expressão “terceira idade” vem para separá-los “dos pobres velhinhos”, dos velhos senis, “ranzinhas”, de maneira a redefinir o envelhecimento ressaltando-o como uma fase positiva da vida, um período privilegiado para realizações pessoais, na qual o indivíduo não é um fardo a ser sustentado pela família ou pelo Estado, mas sim independente e autônomo, como explica a antropóloga Clarice Peixoto (2000), que aponta as palavras-chave desse novo envelhecimento:

“Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida (...) a velhice muda de natureza: ‘integração’ e ‘autogestão’ constituem as palavras-chave desta nova definição. A criação de uma gama de equipamentos e de serviços declara a sociabilidade como o objetivo principal de representação social da velhice de hoje” (Peixoto, 2000, p.57).

Esta autora ressalta ainda que na França, onde essa expressão surgiu, “terceira idade” é a nomenclatura presente nas políticas públicas de promoção do bem estar da população idosa, numa nova tentativa de classificar os indivíduos e de redefinir a velhice como uma “arte de bem envelhecer” que *cada indivíduo* deve buscar, “transformando a velhice bem vivida ou decadente num empreendimento privado” (Gullebard, 1976, p.104 *apud* Peixoto, 2000 p.56). No Brasil, essa idéia chega para promover o mesmo tipo de concepção individualista e otimista de envelhecimento:

“A rubrica da terceira idade é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades sociais e esportivas: *idoso* simboliza sobretudo, as pessoas mais velhas, “os velhos respeitados”, enquanto *terceira idade* designa, principalmente os ‘jovens velhos’, os aposentados dinâmicos, como a representação francesa” (Peixoto, 2000: 81).

Porém, em meio a tantas transformações, Debert (1999) lembra que é preciso ter sempre em vista que “há uma dissolução dos problemas nas representações gratificantes da Terceira idade (...) na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência”. Como ressaltou Peixoto (2000), “o uso da expressão terceira idade, assinala uma transformação na imagem do velho, mas não concretamente nas políticas sociais, que quase não se alteraram com relação à população idosa de idade mais avançada e com doenças crônicas manifestas².”

No material recolhido na nossa pesquisa de campo, vimos que terceira idade já é uma expressão pejorativa, e agora se usa outras denominações, como “melhor idade”, “idade da experiência”, “idade da maturidade” e outras, sempre fugindo de qualquer lembrança de velhice. A maioria dos entrevistados resistem à expressão terceira idade para classificá-los num grupo social.

²Essa lacuna já começa a ser reconhecida com a oficialização recente da internação domiciliar pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para pessoas com mais de 60 anos que necessitem de cuidados especiais, conforme a notícia veiculada no portal do Ministério da Saúde em http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/noticias_detalle.cfm?co_seq_noticia=28208, acessado em 20/11/2006. Mas essa não é a tônica das políticas públicas que se dirigem “à terceira idade”.

Dessa forma, houve uma redefinição *do tratamento* dado a essa faixa etária devido às condições sociais específicas de uma parte da população idosa que conseguiu atingir patamares confortáveis de sobrevivência, mas de nenhuma maneira para os próprios idosos a expressão “Terceira idade” os designa enquanto grupo social ou etário.

Apesar da não identificação com a terceira idade a maior parte dos entrevistados ressaltavam que viviam ativa e saudavelmente, como se estivessem cumprindo seu dever do bem envelhecer, de fazer a sua parte por si mesmo. Entre os idosos que rejeitaram e estigmatizaram as atividades lúdicas da terceira idade e as próprias pracinhas de jogos estão principalmente homens que ainda trabalham e aqueles que tentam afirmar um papel social dentro da família, do lar.

Na nossa pesquisa de campo, que foi feita com 45 idosos³ entrevistados em espaços públicos da cidade de Santos, pudemos observar como a saída do mundo do trabalho é sentida como a perda de um universo de relações sociais, de uma das instâncias que definiam a própria identidade pessoal do trabalhador, principalmente no caso dos homens, já que as mulheres idosas participaram menos do mercado de trabalho. A aposentadoria marca essa troca de papel social: de trabalhador a aposentado, prêm, a passagem de uma identidade a outra (de trabalhador a aposentado) não é fácil e nem imediata, pois muitos viveram trabalhando desde a infância, e a noção de existência produtiva é a única que conhecem: “quem não vive para servir, não serve para viver”. A aposentadoria tira o compromisso de ir trabalhar todos os dias, mas não o senso de dever, de querer ser útil para sociedade. Muitos dos idosos entrevistados nas pracinhas de Santos, estavam aposentados há mais de vinte anos, mas apenas há cinco, há sete, há três anos que as freqüentavam. Para os aposentados recentemente, e principalmente para aqueles que sempre trabalharam desde cedo, caracterizá-los como “uma pessoa da terceira idade” e propor a eles um envelhecimento lúdico, não faz sentido, e pode até ser ofensivo:

Aloísio (72 anos, morador do Itararé, bairro praiano de São Vicente): *Eu não sei bem o que é terceira idade. Por exemplo, eu não tenho paciência com esse pessoal da terceira idade que fica jogando dominó, baralho, eu não tenho paciência para isso! Eu fui ficar sem trabalhar e não consegui ficar sem fazer nada. Trabalho desde os dez anos! Sempre! Adoro!*

Entre as atividades cotidianas relatadas pela maioria dos entrevistados nessa etapa, a sociabilidade apareceu como um valor a seu cultivado, embora de diferente maneira entre os sexos. Assim, a atitude de ficar em casa era mal vista. Afinal, ter “um compromisso” é ter a oportunidade de sair do marasmo “de dentro de casa”, do mundo doméstico, domínio feminino entre os idosos. Buscavam, assim preencher o dia com atividades “úteis”. Fazer algo de útil era sempre uma preocupação clara daqueles que ainda trabalhavam, ou dos que se aposentaram recentemente. Estes últimos não se sentiam bem se não pudessem ter alguma atividade durante o dia. Por isso, procurava, se ocupar.

A nova geração dos sessenta anos, mais entre aqueles de classe média ou média alta, está cada vez menos entrando no mundo à parte da terceira idade, pois não raro continuam trabalhando, ou têm um projeto definido de vida: dedicar-se a algum *hobbie*, desenvolver trabalhos voluntários, enfim, realizar algum *projeto, com metas e produtos*. Novamente, a noção de “utilidade” presente - dessa vez, ligada à de realização pessoal. No entanto, ter um projeto de vida pós trabalho não é algo imediato logo após a aposentadoria. Muitos só pensam nisso depois que sentem o vazio de não ter um compromisso. Para eles, o segredo do bem envelhecer é não parar, enquanto o cotidiano, os eternos afazeres do lar, vão preenchendo o dia:

Carlos (64 anos, morador do bairro do Marapé): *Como falei: à tarde faço alguma coisa escrita, porque eu trabalhei em banco antes, vejo o extrato do banco, a noite tomo um banho, faço um lanche, e dou uma caminhada no Gonzaga...*

Hugo (74 anos, morador do bairro do Gonzaga): *Meu caminho é 5 horas na casa da minha filha, meio dia e meia vou para casa, fico até as 4 horas e venho pra cá [um café dos filhos], fico até às 10 horas [da noite] e depois vou pra casa. (...)[perguto se ele [e*

³ Considera-se idoso nesra pesquisa o indivíduo com mais de 60 anos, assim como no Censo Demográfico do IBGE.

*o dono do café em que conversamos:] Não, eu só ajudo. **Eu trabalho porque gosto de trabalhar.***

A ocupação que tiveram decide muito do cotidiano do aposentado. O Sr. Júlio, 67 anos, que mora no Jardim Rádio Clube (Zona Noroeste) é um exemplo. Ele vai lá quase todas as manhãs para encontrar seus amigos e parceiros de carteados. Diferente de outros que freqüentam o mesmo local, o Sr. Júlio trabalhou como ensacador no porto até 1989, quando se aposentou por invalidez devido a problemas de coluna – o que não lhe garantiu descanso, pois complementa a renda trabalhando como catador de latinhas de alumínio usadas. Tem três filhos casados e um deles ainda mora com ele, junto com a nora, de forma que ele é o chefe de um domicílio de duas famílias. Pelas manhãs é possível encontrar o Sr. Júlio na praia, naqueles quiosques. Pela tarde ele está trabalhando. Nas mesmas mesinhas de cimento, num fim de tarde, conversei com o Sr. Marcelo, 76 anos, que mora a poucas quadras dali, num bairro residencial de classe média alta. Há quinze anos que ele vem se encontrar com seus companheiros para conversar, jogar e passar o tempo. Já o Sr. Marcelo, contabilista que trabalhava na Petrobrás, tem um cotidiano diferente daquele do Sr. Júlio. De manhã suas atividades são as seguintes:

Marcelo: Costumo correr na praia. Faço 5km, ida e volta. Daí fico por aqui e o tempo passa rapidamente. Também leio o jornal, gosto muito de música clássica, faço pesquisa, leio revistas...Não me deixo ficar sem ter o que fazer. Às vezes o tempo passa rápido demais, o tempo fica curto realmente!

Alguns idosos entrevistados na mesma faixa de idade do Sr. Marcelo (65 a 70 anos) ressaltaram as dores físicas, a falta de dinheiro, a diminuição progressiva no tempo do valor da remuneração da aposentadoria e alguns nem tinham ouvido falar em terceira idade. Destes entrevistados que reclamaram da velhice devido a doenças crônicas, todos haviam trabalhado na informalidade, aposentado-se a pouco tempo e por invalidez. É interessante notar que entre nossos 45 entrevistados por toda a cidade, os 4, dos 5 que mencionaram aposentadoria depois de acidente de trabalho residiam em áreas centrais degradadas da cidade: o Sr. Júlio, que foi ensacador no Porto, o Sr. Francisco, que era caminhoneiro, a Sr. Cecília, faxineira e o Sr. Cláudio, portuário.

Entre este grupo de entrevistados, a Terceira Idade não passa de uma ficção. Pude entrevistar o Sr. Francisco em sua casa, um cômodo no Bairro Vila Nova. Além da sua esposa, morava com ele também a família do seu filho, e na época, estava para chegar a família da sua filha. Todos recém-chegados do Vale do Paraíba onde segundo eles não havia oportunidades de emprego. Com a chegada da filha, somariam dez pessoas em um cômodo, como se vivia em Santos há mais de 100 anos atrás. Dos sete que moravam lá na época, somente o Sr. Francisco e seu filho tinham saúde e idade para trabalhar. Seu filho trabalhava como ajudante de obra com um contrato temporário, de forma que a única renda garantida mensalmente era a aposentadoria especial do Sr. Francisco, que não podia mais trabalhar como caminhoneiro por causa de um acidente que o tirou a visão de um olho. Por isso atualmente trabalha como catador de papel.

Dona Cecília trabalhou sem registro como faxineira em casas de família durante muitos anos. Depois, trabalhou numa empresa onde, registrada, se aposentou precocemente por causa de um acidente de trabalho. Mesmo não podendo ficar em pé por muito tempo, ela cuida da casa, do marido, toma conta da neta enquanto sua filha trabalha. Dona Cecília está longe de qualquer rotina que tenha a sociabilidade na agenda, e sua vida é no lar familiar. Quando perguntei sobre o que ela achava que era "terceira idade", a sua resposta foi como um resumo de suas queixas da velhice que lhe era possível viver:

Cecília (72 anos, Jabaquara): Terceira idade é fogo na roupa! Não é muito bom não. Outro dia desmaiei, lembro que eram três horas da tarde. Sabe que hora fui acordar? No outro dia, na Santa Casa, tomando soro. Aí fiquei perguntando por que eu estava ali, quem tinha me levado, por que estava tomando soro, o que tinha acontecido comigo... eu não estava bem, nada, nada, nada...

A expressão "terceira idade" recoloca o envelhecimento como assunto público, mas encobre o fato de que as diferenças entre as classes sociais se fazem ainda mais marcantes na velhice. A imagem da velhice daquele que fica "dentro de casa", que é combatida e rejeitada pela maioria dos

idosos entrevistados e de um nascente senso comum, é - quando não se trata de uma escolha pessoal - a única possível para aqueles que não puderam conservar boa saúde durante nos anos em que trabalharam, que muitas vezes desempenharam atividades insalubres, penosas; que precisam trabalhar na informalidade, sem aposentadoria, portanto; que têm que concorrer ao disputado atendimento do SUS. Nesse sentido, a idéia de que é da responsabilidade do idoso manter-se ativo, retardar a sua aposentadoria e ser independente, cuidando desde cedo da sua saúde em nome de autonomia futura deve ser posta em relação à trajetória ocupacional que teve (ou tem) o idoso.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. Cia das Letras, Rio de Janeiro, 1995.

DEBERT, Guita, Grin. *A Reinvenção do Envelhecer*. Edusp FAPESP, São Paulo, 1999.

GOLDMAN, Sara Nigri. “As dimensões sócio-políticas do envelhecimento” In PY, Lígia et al (orgs) *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Nau Editora, Rio de Janeiro, 2004.

LENOIR, R. “L’invencion du ‘troisieme age’: constitution du champ dès agents de gestion de la vieillesse.”. *Actes de la Recherche en Science Sociales*, N° 26, 1979.

OLIVEIRA, Juliana Andrade. “*Terceira Idade*” e cidade: o envelhecimento populacional no espaço intra-urbano de Santos. Dissertação de Mestrado do defendida no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP em 9/03/2007.

PACHECO, Jaime Lisandro. “Trabalho e Aposentadoria” In PY, Lígia et al (orgs.) *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Nau Editora, Rio de Janeiro, 2004.

PEIXOTO, Clarice. *Envelhecimento e Imagem*. Annablume, Rio de Janeiro, 2000.